

As datas de $13\,700 \pm 1000$ e de $14\,300 \pm 1100$ BP obtidas sobre seixos de quartzo queimados descobertos em 1999 nesta área, devem corresponder a este nível de ocupação. A sua localização intercalada por sedimentos aluviais que constituem a unidade 6 pode ser uma explicação para a incoerência estratigráfica que parecia existir em relação à data de $15\,200 \pm 1600$ BP obtida pelo método OSL numa amostra recolhida na base da U.E. 6, cerca de 2 m em direcção do topo da vertente. O nível arqueológico deve assim corresponder a vestígios remexidos ao longo da vertente.

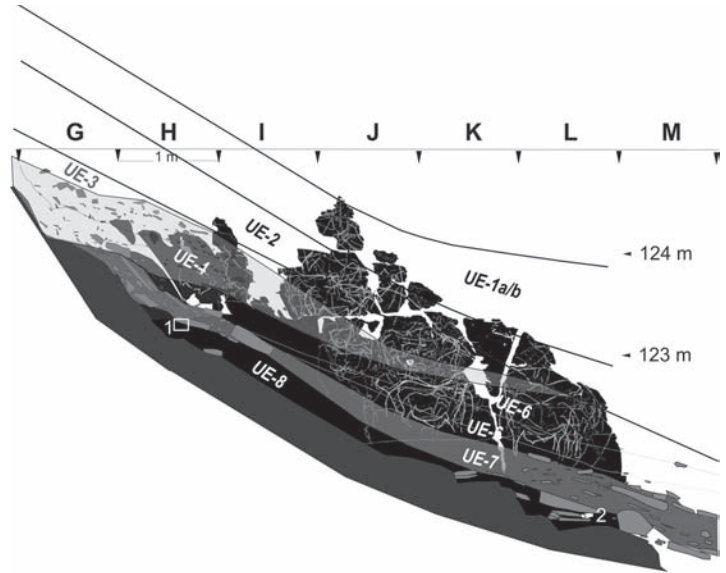


FIG. 3-28 – Fariseu, corte sintético das unidades estratigráficas documentadas apoiadas na Rocha 1, e do fragmento de parede gravada (n.º 2) da Fig. 3-29.

Esta intervenção evidenciou, na base da U.E. 8, que inicia a sequência conservada em contacto com a Rocha 1 (Fig. 3-29), um bloco com uma porção de traço realizado por picotagem, seguido de abrasão. Esta sucessão técnica é semelhante a muitos dos motivos gravados, e apresenta uma convergência morfológica com a convenção utilizada para a representação da extremidade do focinho dos auroques na fase antiga da arte do Côa (cf. Capítulo 7.1.1). A descoberta, interpretável como um fragmento da parede rochosa gravada, integrada na unidade 8 depositada cerca de $18\,400$ BP, recua o *terminus ante quem* que tinha sido avançado antes destes trabalhos.

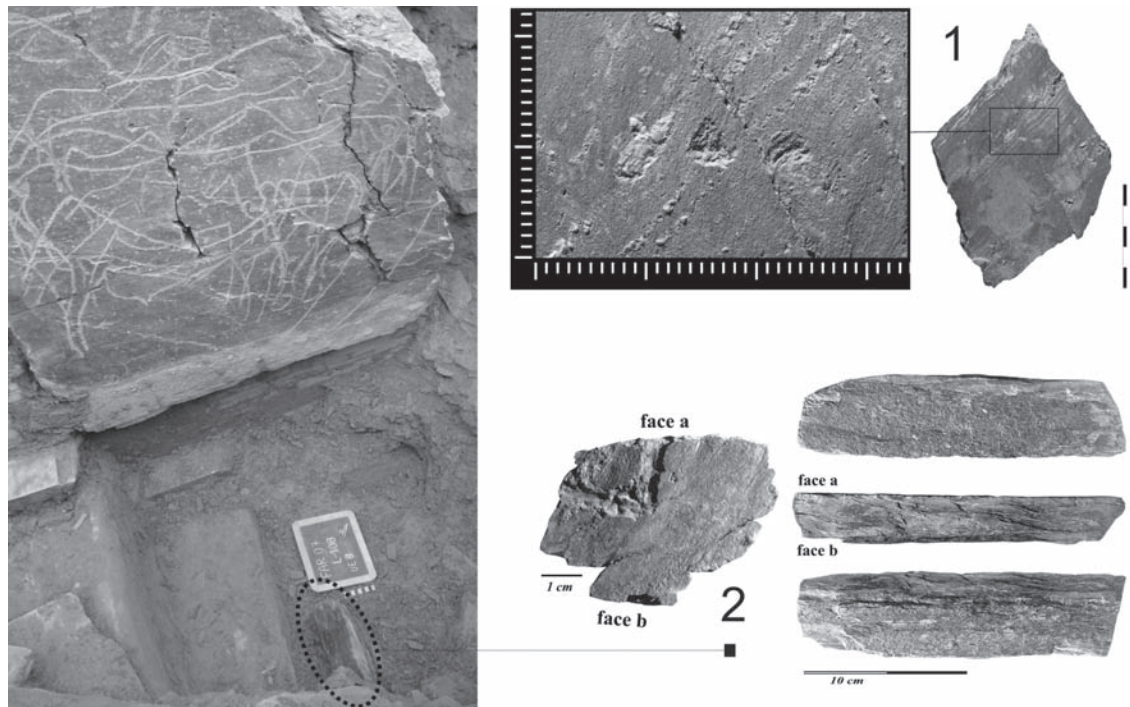


FIG. 3-29 – Fariseu, fragmento de parede gravada aquando da sua descoberta na base da unidade estratigráfica 8.

2. Sector central do sítio

Com o objectivo de avaliar a organização topográfica das unidades estratigráficas reconhecidas em 2005, nos dois limites Sul e Norte do sítio, foi realizada uma sondagem de 2 x 2 m, nos quadrados G-92/3 e H-92/93 (cf. Figs 3-16 e 3-30).

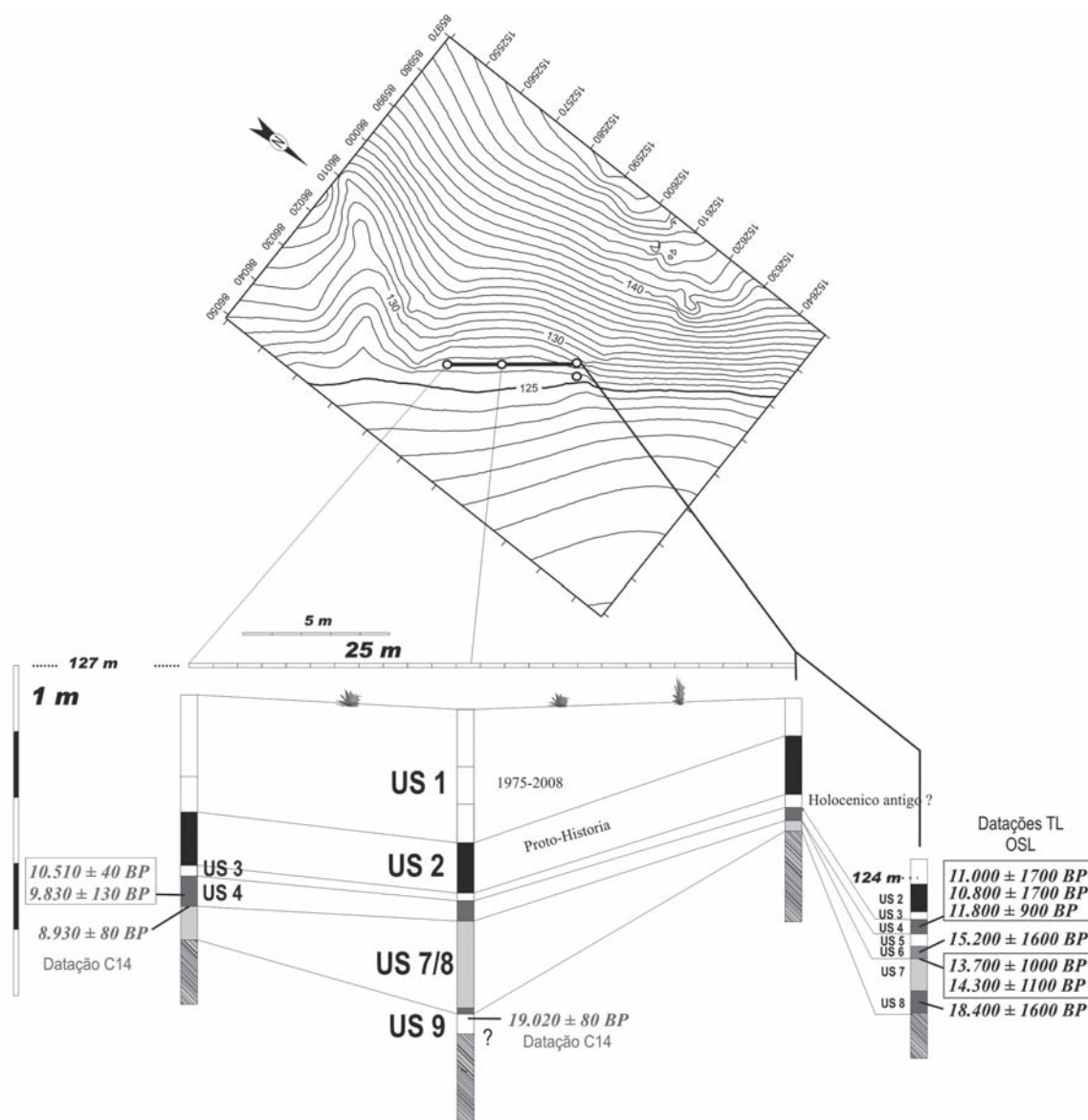


FIG. 3-30 – Diagrama sintético da organização estratigráfica e das datações obtidas para as unidades I a 9 definidas no sítio do Fariseu.

Este trabalho revelou uma sequência estratigráfica mais espessa do que nas duas outras áreas, com as mesmas unidades estratigráficas observadas anteriormente. Todavia, esta sondagem mostrou a existência de uma outra unidade, subjacente à unidade 8 (Fig. 3-30). Esta camada, nunca observada até então, é constituída por sedimentos acumulados por um processo aluvial, de cor e textura similar aos das U.E. 5 e 6. A sua escavação só foi possível numa área com menos de 1 m² (G-92 e 93 metade Oeste), devido às dificuldades de remoção da U. E. 7 que ultrapassava 1 m de espessura nesta área do sítio e a profundidade da sondagem, que atingiu 5 m. O conjunto lítico exumado que totaliza 363 peças (cf. Tab. 5.1.1.1) é caracterizado

pela presença de uma forte proporção de esquirolas, peças claramente deficitárias nas séries recolhidas nos níveis de ocupação da U.E. 4. A remontagem de 9 peças (apesar de se ter escavado uma área reduzida), indica uma taxa de remontagem mais alta comparativamente às unidades estratigráficas sobrejacentes. Uma lasca de pequena dimensão com estigmas de tratamento térmico, destinado a melhorar a sua aptidão ao acabamento por pressão, pode ser tecnologicamente integrada numa sequência de afeiçoamento de uma pequena folha de loureiro ou de uma ponta crenada, larga e com retoque bifacial. Ao longo do Paleolítico Superior estes tipos de utensílios só são conhecidos nas indústrias solutrenses. Todavia, a ausência de indícios de debitage lamelar, atestada na unidade 2 de Olga Grande 4 (cf. Capítulo 5.1.2), a presença de duas pequenas lascas de retoque na matéria-prima de tipo 12 e as proporções entre as matérias-primas utilizadas para a confecção da indústria lítica (cf. Tab. 5.1.1-1), apresentam uma maior semelhança com os conjuntos líticos de cronologia gravettense conhecidos na região. A atribuição, com base numa única lasca de afeiçoamento com tratamento térmico, da totalidade da série ao Solutrense não é confirmada nem invalidada pelas características tecnológicas e tipológicas do conjunto recolhido, onde só foram identificadas duas raspadeiras sobre lasca de quartzo.

O resultado obtido em Outubro de 2008¹, pelo método ASM, de 19 020±80 BP (GrA - 40167) a partir de um pequeno fragmento de carvão vegetal exumado durante a escavação dos primeiros centímetros da unidade estratigráfica 9, confirma uma ocupação do sítio durante o Último Máximo Glaciar e a possível conservação de restos orgânicos contemporâneos. Contudo, este resultado não impede a existência de outras fases de ocupações intermediárias entre 18 400 BP (data OSL obtida pela unidade estratigráfica 8) e 22 300 cal BP (limite inferior do intervalo de confiança da calibração da data GrA - 40167 pelo Calib Rev. 5. 1), ou anteriores à data obtida pela unidade 9.

Este novo dado não produz argumentos que estabeleçam a relação directa com qualquer momento de gravação da Rocha 1, ainda que nada possa fundamentar o seu contrário sendo plausível que no futuro se confirmem ocupações solutrenses no sítio (cf. Capítulo 7.1.1).

3.2.5.5.4. *Balanço e perspectivas*

A sequência geológica, complementada pela caracterização tipo-cultural das indústrias líticas e as datações absolutas obtidas pela luminescência e ¹⁴C esclarecem a sequência da ocupação humana e a evolução geomorfológica do fundo do Vale do Côa.

A campanha de 2007 permitiu definir um *terminus ante quem* de 18 400 BP para a realização das gravuras da Rocha 1. Todavia, a relação directa entre o (ou os) momento(s) de gravação e uma (ou mais) fase(s) de ocupação humana anterior(es) a esta cronologia, fica(m) por estabelecer.

A unidade estratigráfica 9 da sondagem efectuada nos quadrados G-92/93 contém vestígios líticos de cronologia anterior à deposição da U.E. 8 que poderiam ser contemporâneos da realização das gravuras da Rocha 1. A confirmação de tal hipótese implica a realização de uma escavação dos depósitos subjacentes à unidade 8, numa maior extensão, junto aos afloramentos do limite norte do sítio.

¹ Resultado obtido no âmbito do projecto “Serra do Montemuro: ocupação humana e evolução paleoambiental durante o Holocénico”, da responsabilidade de Domingos Jesus da Cruz.

3.3. Rocha 24 da Ribeira de Piscos: contexto estratigráfico de uma rocha gravada

LUÍS LUÍS

A Rocha 24 da Ribeira de Piscos localiza-se na margem esquerda do Rio Côa, um pouco a montante da sua foz (Fig. 3-31), localizada administrativamente na freguesia da Muxagata, concelho de Vila Nova de Foz Côa.



FIG. 3-31 – Enquadramento da rocha 24 na foz da Ribeira de Piscos. A rocha localiza-se à esquerda, notando-se a escavação.

O painel situa-se numa encosta acentuada (cerca de 54% de inclinação média), a uma altitude de cerca de 140 m, integrando-se na formação de Desejosa, uma das unidades dos meta-sedimentos do Grupo do Douro, inserido no Complexo Xisto-Metagrauváquico (Silva & Ribeiro, 1991; Meireles & Almeida, 1997).

A superfície da Rocha 24 (cerca de 7 x 0,90 m, acima do solo actual) caracteriza-se, como a generalidade dos afloramentos de xisto do Baixo Côa, pela sua verticalidade, embora presente, neste caso, uma morfologia pouco comum. Trata-se de um grande painel, que, ao invés de apresentar uma superfície tendencialmente lisa, se desdobra em múltiplos pequenos sub-painéis, em virtude da natureza da fissuração da rocha. É nesses sub-painéis que surgem um importante conjunto de gravuras, na sua maioria filiformes, algumas delas já apresentadas em publicação (Baptista, 2001, 2003; Baptista & Fernandes, 2007).

O local havia já sido objecto de intervenção no ano de 2000, por se ter verificado que algumas gravuras visíveis se prolongavam abaixo do nível da superfície actual. Nessa altura implantou-se uma quadriculagem no terreno e escavaram-se 3 m² na zona superior do painel (quadrados G10, G11 e K10), tendo os resultados sido apresentados no relatório de progresso respectivo (Aubry & al., 2001). Não foram então identificados quaisquer níveis de ocupação preservados nos quadrados abertos.

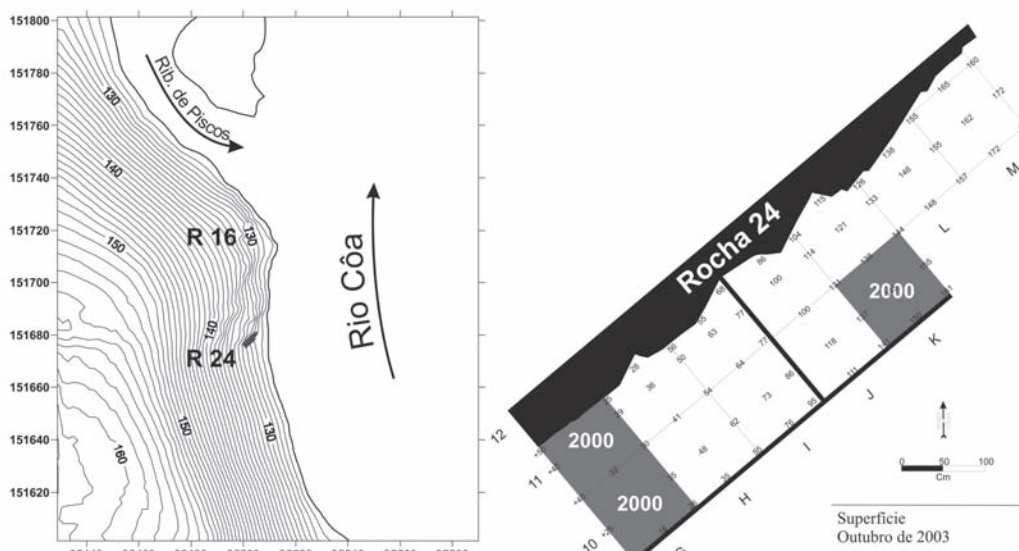
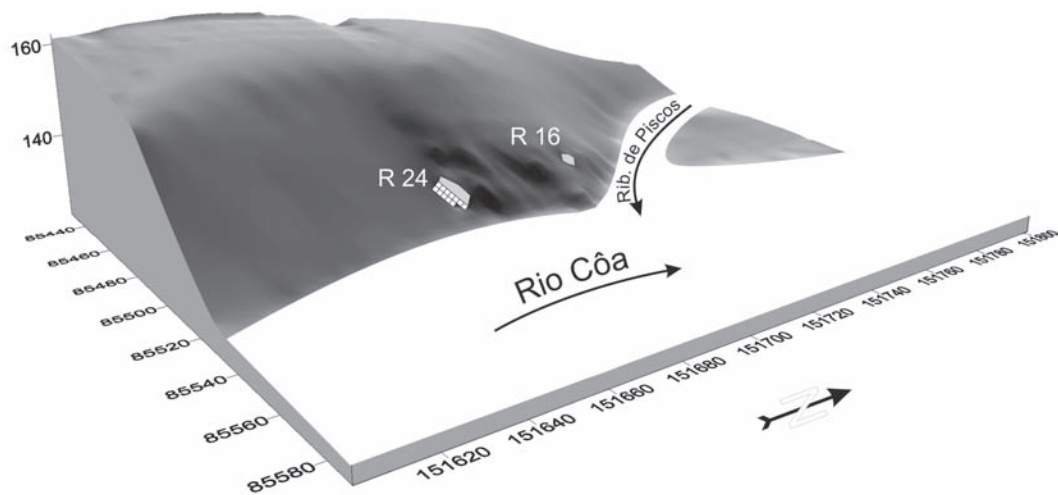


FIG. 3-32 – Levantamento topográfico e localização da área escavada.

3.3.1. Trabalhos realizados

A intervenção de 2003 justificou-se na perspectiva de abertura ao público de novas rochas do núcleo de arte rupestre da Ribeira de Piscos, localizadas na margem direita da foz desta ribeira. Para tal acontecer tornava-se necessário realizar a totalidade dos levantamentos das superfícies gravadas, por parte dos técnicos do então Centro Nacional de Arte Rupestre.

Estando então previsto o levantamento da totalidade da rocha, foi acordado entre o PAVC e o CNART, a escavação integral do painel, com vista à avaliação da possibilidade de preservação de níveis de ocupação, mas sobretudo a remoção de sedimentos que cobriam parcialmente o afloramento e que poderiam estar a esconder alguns motivos gravados.

Os objectivos da intervenção foram assim a conclusão das sondagens iniciadas em 2000, a remoção dos sedimentos que cobriam parcialmente o painel e a eventual identificação de níveis de ocupação preservados, contemporâneos à gravação do painel.

3.3.2. Campanha de 2004

Para a prossecução dos objectivos estabelecidos implantou-se uma quadriculagem de 1 m² em toda a área em frente ao painel, com uma largura de cerca de 2 m (Fig. 3-32). Neste processo procurou-se respeitar a quadriculagem já implantada em 2000, o que foi dificultado devido à cobertura das cavilhas então implantadas por sedimentos das cheias que se verificaram no rio desde então.

Seguiu-se a escavação manual segundo as camadas arqueológicas naturais através do recurso a colherim e pico, complementados por pá e picareta nas camadas com comprovada ausência de materiais arqueológicos (C0 e C4). Toda a terra retirada foi objecto de crivagem com uma malha de 2 mm, a seco na C1 e com água nas C2 e 3.

A equipa de escavação, dirigida pelo signatário, contou com a participação de Carla Magalhães e Jorge Davide Sampaio, assistentes de arqueólogo do quadro do Parque Arqueológico do Vale do Côa, de Alexander Gall (arqueólogo) e Laura Corti (historiadora de arte), então estagiários no PAVC, e de Lurdes Pinto e Hermínia Maria Lousa, que se encontravam a colaborar com o PAVC no âmbito dos Programas Ocupacionais do Instituto de Emprego e Formação Profissional. Os trabalhos contaram ainda com o conselho e a colaboração activa de Thierry Aubry, responsável pelo projecto de investigação “Contexto arqueológico da arte paleolítica do Vale do Côa”.

A escavação decorreu entre os dias 29 de Setembro e 23 de Outubro, tendo sido interrompida várias vezes devido à instabilidade climatérica que se fazia sentir.

3.3.3. Sequência estratigráfica

Os trabalhos resultaram na escavação de 9 m² (H10 e II, I 10 e II, J 10 e II, K II, LII e MII) não escavados anteriormente e a conclusão dos quadrados G10 e II e K10, nos quais se realizaram trabalhos em 2000.

Foi atingido o afloramento rochoso nos quadrados GII, JII, KII, LII e MII. A C4 foi apenas parcialmente escavada no K10, de forma a testar o seu conteúdo material, tendo-se concluído escavação no topo da C4 nos quadrados restantes (G10, H 10 e II, I 10 e II e J10).

A estratigrafia identificada no decurso da escavação revelou-se relativamente simples e linear (Fig. 3-33). Em 2000 haviam-se identificado apenas duas camadas estratigráficas nos quadrados então abertos, às quais que foram agora acrescentadas mais três (C0, C3 e C4).

A C0 é composta por terra pulverulenta, com grãos de muito fino calibre, de cor geralmente castanho-escuro (5 YR 6/2 - “cinzento rosa”). Em algumas zonas nota-se diferente coloração, que corresponderá a diferentes momentos de cheia. É composta por silte, mica e matéria orgânica, medianamente homogénea, surgindo por vezes zonas mais argilosas. Presença de raros blocos de dimensões variadas, nomeadamente xisto anguloso e alguns seixos de granito, xisto e quartzo.

Trata-se de uma camada muito recente, em grande parte posterior a 2000, como se pôde verificar durante a escavação. No seu interior registou-se apenas um fragmento de cerâmica recente rolado em forma de seixo.

A sua formação fica-se a dever aos diferentes momentos de cheia que atingem periodicamente o local desde 1993, data da construção da ensecadeira, prévia à construção da barragem de Vila Nova de Foz Côa. Desde então, as águas do rio têm sido desviadas através de um canal de derivação, cujo diâmetro impede o escoamento dos fluxos de água que se

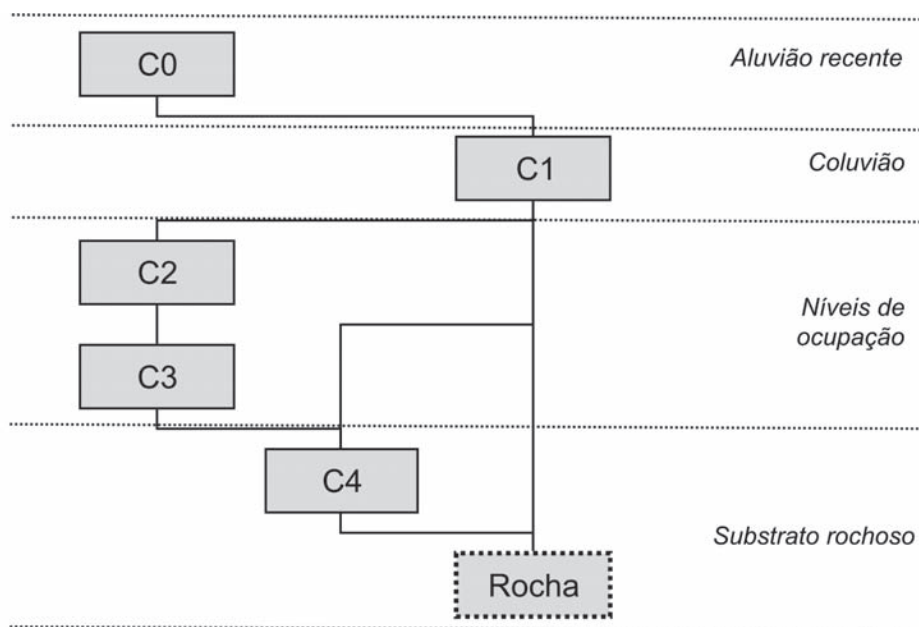


FIG. 333 – Matriz interpretativa da estratigrafia.

acumulam no fundo do vale durante as chuvadas de maior intensidade. Isto provoca a subida do nível das águas do rio até ao topo da enseadeira, inundando parcialmente o vale a montante.

Esta camada sobrepõe-se à C1 em quase toda a área escavada, com a excepção parcial dos quadrados H10 e 11 e total dos G10 e 11, os quadrados situados a uma cota mais elevada, onde é inexistente. Apresenta um limite nítido com a C1, nomeadamente pela diferente consistência dos seus sedimentos e pela presença de raízes no topo da C1.

A C1 é composta por sedimento castanho-avermelhado (5 YR 4/4) de grão mais grosso, compacto, siltoso, por vezes algo argiloso, com a presença de alguns grãos de areia (raros aglomerados), moderadamente homogéneo. Apresenta abundantes fragmentos de pequeno e médio calibre de xisto com arestas vivas e não rolado, orientados no sentido da vertente, e ocasionais seixos de quartzito, quartzo, granito e xisto de pequena e média dimensão. Os quadrados I10 e 11 identificaram-se lajes de xisto anguloso de maiores dimensões. Ao contrário da C0, identificam-se desde o topo desta camada algumas tocas e raízes de arbustos.

Julgamos que esta unidade é o resultado da dinâmica coluvionar da acentuada encosta em que a jazida se encontra, uma vez que apresenta um forte pendor para E/NE, seguindo a vertente em direcção ao rio. Apresenta algum material arqueológico em posição secundária, incluindo cerâmica identificada na campanha de 2000. Este processo de formação da jazida não excluirá à partida ocasionais momentos de cheia, o que explicaria a presença de alguns seixos.

Para além disso, esta camada apresenta sobretudo lascas de quartzo, tanto local como alógeno (leitoso), e ainda um pequeno núcleo (L11) e uma esquírola (L11) em cristal de rocha. Identificou-se ainda no seu interior um pequeno bloco de xisto que apresenta um fino traço gravado.

A C1 encontra-se sob a C0, com a excepção das filas G e H, e assenta directamente sobre o afloramento rochoso nos quadrados de cota mais baixa (L11 e M11) e sobre a C2 nos restantes, onde apresenta um limite pronunciado.

Nos quadrados H10 e 11, I10 e 11 e J10 e 11, identificou-se uma camada 2 e uma camada 3, bem visíveis no perfil I10/11 (NE) (Fig. 3-34). Ambas as camadas apresentaram alguma den-

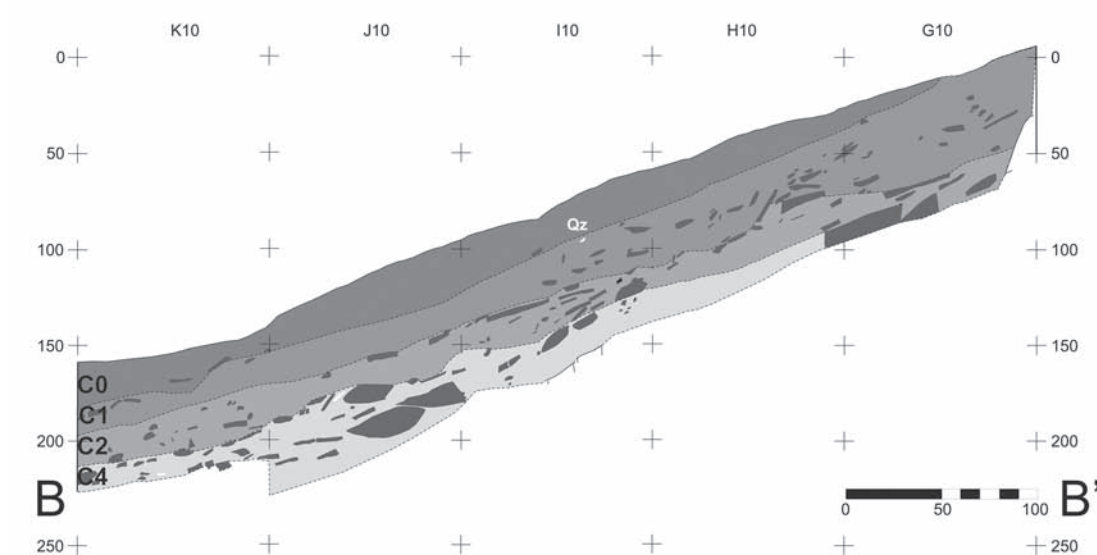
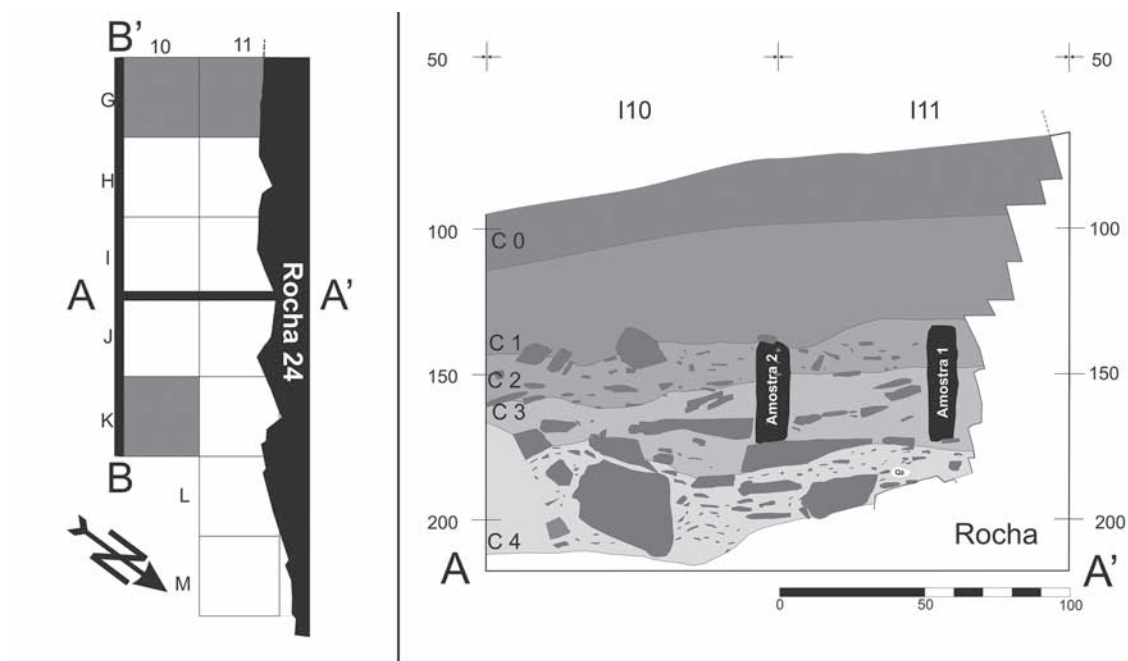


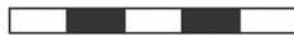
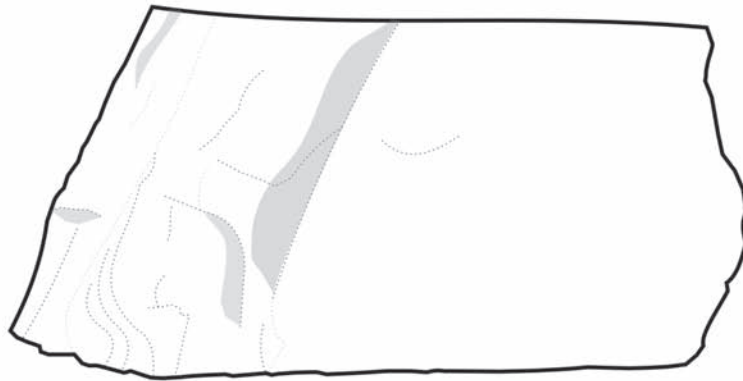
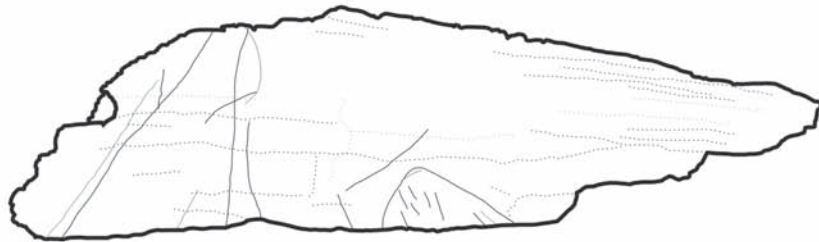
FIG. 3-34 – Dois perfis estratigráficos da estação.

sidade de material arqueológico, composto por lascas e esquirolas de quartzo local e leitoso e ainda algum cristal de rocha.

A C2 apresenta uma cor castanha avermelhada (5 YR 5/4), é muito compacta, com pequenos aglomerados milimétricos. Apresenta alguns, pequenos, fragmentos de xisto alterado, castanho avermelhado, sem areia. Apresenta-se moderadamente homogénea, com pequenas lajes de xisto e ocasionais blocos angulosos provenientes da degradação do painel. Apresenta ainda pequenos fragmentos rolados de xisto e seixos ocasionais de granito, quartzo e quartzito.

Na C2 ressalta a identificação de um bloco de xisto (H11), que depois de lavado se verificou apresentar gravado um conjunto de linhas filiformes, características de grande parte das gravuras dos painéis do vale, mas que, neste caso, não configuram qualquer figura reconhecível (Fig. 3-35, A). Este bloco deverá ter-se desprendido do painel em momento não determinado. Registe-se ainda a identificação de uma lasca sobre seixo em quartzo leitoso (J10).

A



5 cm

B

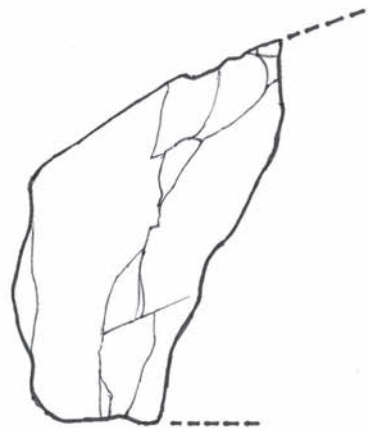
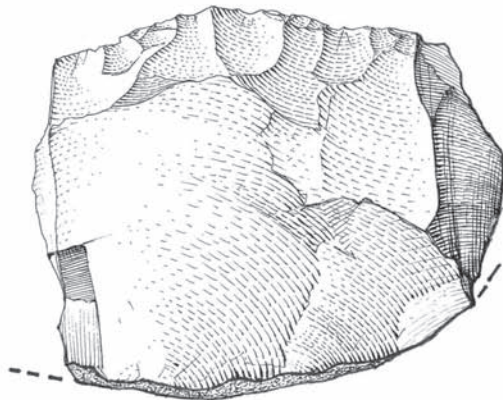


FIG. 335 – A: Bloco de painel em xisto ostentando gravuras (desenho sobre fotografia do autor); B: Raspadeira inversa sobre lasca de quartzito (desenho de Thierry Aubry).

A C3 apresenta características semelhantes à C2, de cor amarela-avermelhada (7,5 YR 6/8), silto-argilosa, com a presença de grãos de quartzo, medianamente homogénea. Esta camada contém pequenas placas e lajes de xisto de grande e média dimensão, dispostas mais ou menos horizontalmente e não no sentido da vertente, nomeadamente um nível de blocos que se situa no meio da camada. Contém ainda pedras com revestimento argiloso, e mais fragmentos de xisto alterado de maior dimensão, assim como alguns seixos (xisto, quartzito e quartzo). Esta camada foi identificada exclusivamente nos quadrados I e J, diminuindo a sua espessura à medida que se afasta do painel, tendo-nos sido impossível identificá-la no perfil G/K 10.

A C3 apresenta um conteúdo arqueológico semelhante à anterior. Foi nela que se identificou o único utensílio registado, uma raspadeira inversa sobre lasca espessa de quartzito (Fig. 3-35, B). Ressalte-se ainda a identificação no quadrado J10 de três peças, uma delas um seixo percutor de quartzo fragmentado e que remontam. Este facto leva-nos a levantar a hipótese de estarmos perante um nível arqueológico preservado, uma vez que não se verificou deslocamento significativo dos materiais.

A C2 e a C3 encontram-se separadas por um nível de lajes de xisto. Ambas apresentam uma inclinação menor que a pendente actual do sítio.

A C4 é uma camada menos compacta e mais arenosa e escura, solta, de cor amarela avermelhada (5 YR 6/6), constituída sobretudo por xisto embalado numa camada arenosa, apresentando igualmente silte e argila em menores quantidades. Apresenta grande quantidade de blocos da degradação do afloramento, que se partem facilmente.

Esta camada, que se estende por toda a área escavada, com a excepção dos quadrados L11 e M 11, revelou-se vazia de conteúdo arqueológico. Este facto, relacionado com a sua localização e constituição, acima descrita, leva-nos a interpretá-la como uma camada de desagregação do substrato rochoso.

3.3.4. Relação entre a estratigrafia e o painel gravado

Para além dos dois blocos soltos contendo gravura, atrás mencionados, os trabalhos permitiram ainda a identificação durante a escavação de quatro novos sub-painéis gravados que se encontravam, até à data desta intervenção soterrados (Fig. 3-36). O levantamento e estudo aprofundado destas representações gráficas encontra-se em curso pelos técnicos de arte rupestre do PAVC.

Ao primeiro painel identificado atribuiu-se a letra A². Este painel foi identificado durante a escavação do quadrado K11, estendendo-se para o quadrado J11, e encontrava-se coberto pela C0 e pela C1.

Trata-se de um pequeno painel subvertical (53 x 37 cm), que se encontra fracturado e cuja parte superior se encontra em risco de degradação. Esta degradação da parte superior terá provocado a destruição de algumas figuras aí representadas, nomeadamente um grande quadrúpede do qual se identificam apenas os membros anteriores e posteriores gravados a incisão filiforme continuada. Igualmente gravados por intermédio de incisão filiforme, identificaram-se neste sub-painel A dois auroques voltados para a direita e um cervídeo com a mesma orientação. Para além destas figuras, a profusão de linhas filiformes que preenchem o painel faz supor que o futuro levantamento venha a revelar um *corpus* gráfico superior.

² Este nosso sub-painel corresponde à zona superior do painel 28, definido pela equipa de arte rupestre do PAVC.

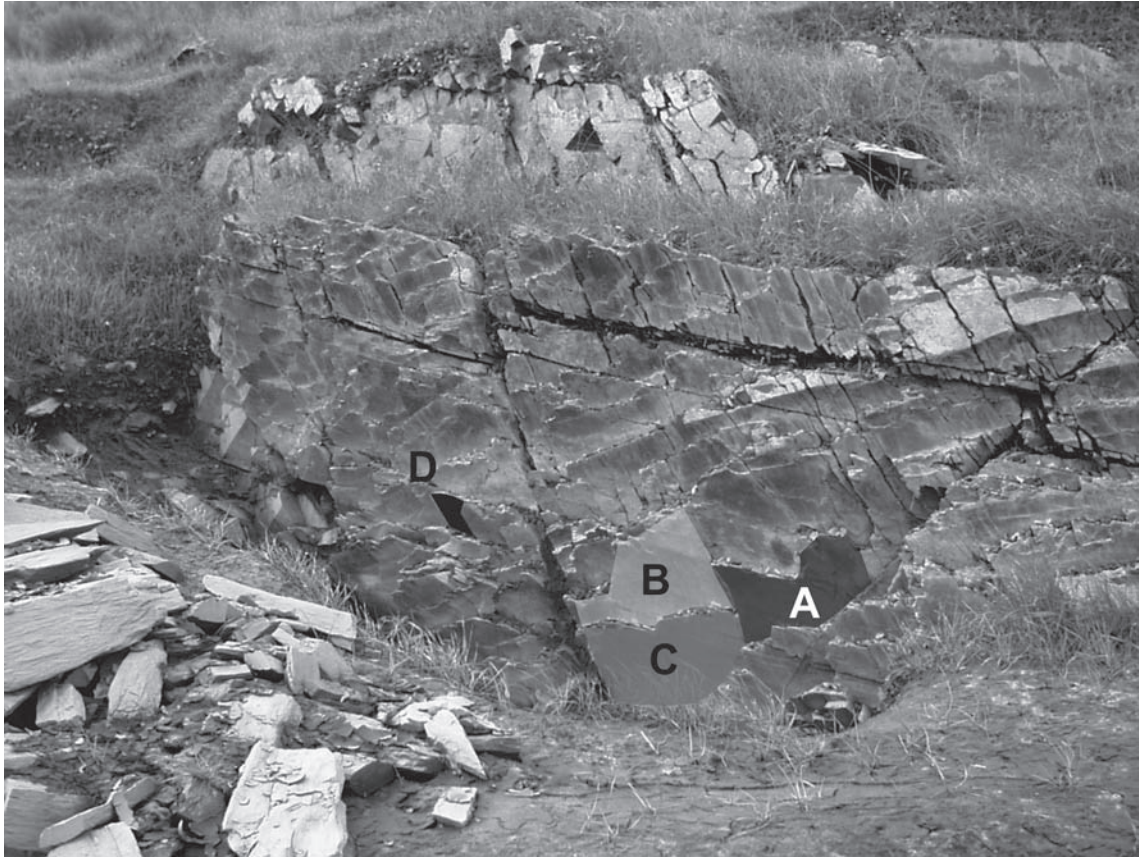


FIG.3.36 – Localização dos painéis identificados durante a escavação.

O painel B³ foi identificado durante a escavação do quadrado JII à esquerda do anterior e com a mesma posição estratigráfica (parcialmente coberto pela Co e pela C1). De maiores dimensões que o anterior (52 x 42 cm), apresenta uma configuração sub-trapezoidal e encontra-se igualmente fragmentado. Do seu conteúdo gráfico sobressai um conjunto notável de figuras de auroque gravados por incisão filiforme e abrasão não precedida de picotagem, representados em perfil, com chifres em perspectiva torcida e duas patas por par de membros, para além de outros pormenores como olho, nariz, boca ou focinho. De entre eles salientamos dois auroques voltados à direita gravados no topo do campo gráfico cuja posição relativa sugere o uso de perspectiva. Mais abaixo, voltado à esquerda, uma magnífica figura de auroque gravado por incisão não precedida de picotagem, com uma modelagem notável, ao qual infelizmente falta a cabeça por fractura da superfície.

Sob o painel anterior, identificou-se o sub-painel C⁴ no quadrado JII, coberto pelas camadas 2 e 3. De maiores dimensões que os anteriores (77 x 40 cm), foi apenas possível identificar neste painel a figura de um auroque voltado para a esquerda, gravado a incisão muito fina, já após a escavação. Uma vez mais, um levantamento nocturno e cuidadoso do painel poderá vir a revelar outras figuras neste painel.

Finalmente foi identificado um pequeno painel (painel D) de reduzidas dimensões (32 x 17 cm), no quadrado III, que se encontrava sob a C1, onde apenas foram identificadas algumas linhas filiformes gravadas⁵.

³ Corresponde ao painel 27, definido pela equipa de arte rupestre do PAVC.

⁴ Corresponde à zona inferior do painel 28, definido pela equipa de arte rupestre do PAVC.

⁵ Corresponde ao painel 17, definido pela equipa de arte rupestre do PAVC.

A partir de uma análise macroscópica pode-se concluir que se trata sobretudo de representações de auroque, com um cervídeo, gravados por incisão filiforme e abrasão não precedida de picotagem. As figuras agora reveladas apresentam alguma homogeneidade estilística com as restantes do painel (Baptista, 2001, 2003), salientando-se a forma como surgem representadas as extremidades dos membros, em V, semelhantes, por exemplo, aos membros inferiores da figura antropomórfica da Rocha 2 da Ribeira de Piscos, aos membros de dois dos equídeos da rocha 3 do mesmo núcleo e os membros anteriores do caprino da rocha 5 de Vale de Cabrões, todos datados do Magdalenense a partir das suas características estilísticas (Baptista, 1999; Baptista & Gomes, 1997).

3.3.5. Resultados da intervenção

Não sendo totalmente conclusivos os presentes trabalhos permitiram, em primeiro lugar, a identificação de novas gravuras na Rocha 24 da Ribeira de Piscos, que vieram alargar o *corpus* gráfico não só da rocha, como do Vale do Côa, tendo ficado a descoberto a totalidade da superfície operativa da rocha.

Por outro lado, eles possibilitaram a identificação de um possível contexto de ocupação do local. Esta afirmação baseia-se na identificação de artefactos líticos e matérias-primas alógenas, como o cristal de rocha, e de um utensílio. Poderemos estar assim perante um contexto de natureza semelhante ao identificado junto à Rocha 1 do Fariseu (Aubry & Baptista, 2000; Aubry & García Díez, 2000; Aubry, 2006; Aubry, Luís & Sampaio, 2006; Mercier & al., 2006; Aubry & Sampaio, 2008). Estes dois sítios contrastam pela quantidade e qualidade de vestígios identificados, o que poderá estar relacionado, quer com uma distinta ocupação, quer, mais provavelmente, com razões de natureza topográfica e de preservação, encontrando-se Rocha 24 a uma cota superior e numa pendente mais acentuada que a do Fariseu. Os sítios também se distinguem pela provável cronologia da arte gravada nos respectivos painéis.

Os elementos materiais de diagnóstico identificados não permitem uma atribuição cronológica segura (Tab. 3-2). O estilo das gravuras dos painéis A e B parece apontar para momentos finais do Paleolítico Superior, mas a sua posição estratigráfica não se encontra directamente relacionada com os níveis de ocupação. Apenas a análise estilística dos motivos gravados no sub-painel C, sobreposto pelas C 2 e 3, que identificamos como camadas de ocupação, poderá contribuir para este esclarecimento cronológico. Já o bloco gravado se assemelha a alguma da arte móvel do Fariseu, mas o seu contexto estratigráfico não é passível de informação cronológica (Aubry, 2006; Aubry & Sampaio, 2008).

Tendo-se concluído a escavação da totalidade da área localizada em frente do painel e devido à acentuada pendente da área para além da zona escavada, impossibilitando a preservação de vestígios arqueológicos, não se prevê a continuação dos trabalhos.

TAB. 3-2

Inventário do material recolhido durante os trabalhos realizados frente a rocha 14 da Ribeira de Piscos.

Quadrado	Camada	Tipo	Quartzito		Quartzito 1 (leitoso)		Quartzito 2		Cristal de rocha		Xisto		Totais		Observações
			N.º	Peso (g)	N.º	Peso (g)	N.º	Peso (g)	N.º	Peso (g)	N.º	Peso (g)	N.º	Peso (g)	
G10	1	Esquírola					10	<0,5					10	0	
		Lasca			1	26							1	26	
H10	1	Esquírola					8	<0,5					8	0	
		Lasca			9	102.5	1	17.5					10	120	
H11	1	Lasca			2	32.5							2	32.5	
		Bloco								1	377		1	377	Contém gravura
	2	Esquírola					11	3.5					11	3.5	
		Lasca			2	6	1	2					3	8	
1	Lasca					1	11					1	11		
	2	Lasca			1	24.5						1	24.5		
I10	1	Esquírola					7	6.5					7	6.5	
		Termoclasto					3	384					3	384	
	3	Raspadeira	1	255									1	255	
I11	2	Esquírola			5	1.5							5	1.5	
		Lasca			1	15.5	2	23	1	1.5			4	40	
J10	1	Bloco									1	400	1	400	Contém gravura
		Esquírola			3	2							3	2	
	2	Esquírola			2	<0,5	8	3.5	2	<0,5			12	3.5	
		Lasca			1	4.5	3	131					4	135.5	Lasca sobre seixo
	3	Bloco					2	135					2	135	Remontagem
		Esquírola			5	3							5	3	
		Lasca			2	11	4	35					6	46	
		Percutor					1	500					1	500	Remontagem
3	Esquírola			5	<0,5							5	0		
	Lasca			2	13							2	13		
J11	2	Esquírola			1	<0,5	1	<0,5					2	0	
	2/3	Esquírola			1	1.5							1	1.5	
K10	1	Esquírola			2	10.5	2	<0,5					4	10.5	
		Lasca			1	5.5	1	516					2	521.5	
K11	1	Esquírola			1	<0,5							1	0	
		Lasca			1	3.5							1	3.5	
	2	Lasca					2	14.2					2	14.2	
L11	1	Esquírola							1	<0,5			1	0	
		Lasca			1	12							1	12	
	1	Núcleo							1	2			1	2	
M11	1	Lasca			2	23.5	1	27				3	50.5		
Totais			1	255	51	298.5	69	1809.2	5	3.5	2	777	128	3143.2	
%			0,78%	8,11%	39,84%	9,50%	53,91%	57,56%	3,91%	0,11%	1,56%	24,72%			